



Seis poemas

Luís Guedes

Roteirista, poeta e pesquisador; graduado em Cinema na UFF. Sua produção gira em torno dos temas: infância, memória, ludicidade, mitologias familiares e a magia enquanto processo de linguagem. Foi publicado nas revistas Mallarmagens, Arribação, Ruído Manifesto, Adiante, Uso, Totem e Pagu, e nas antologias Ruínas e Não mais os falsos infinitos, ambas da Editora Patuá.

Fisher-Price

no pequeno pátio de castelos
plásticos pedras e areias migrantes
escondidos em tocaia

halos marcam o esmaltado
azul descascado na mão
um túnel concreto recheio
de biscoitos ao redor
acúmulos
d'água parada

dez batidas no sino
seres imensos reunidos caçando
no pequeno pátio de castelos



BÊ A BÁ

em imagens dispostas

um quadro negro
fora de alcance

linguagem esmigalhando os olhos

o peso do corpo no mundo
pequeno anuncia

a queda vertiginosa

a primeira

Na praça

a torre não move
os cavalos, parados
também inertes os
peões, o bispo e o casal
rei e rainha recém guardados
na caixa e você na cadeira
de pedra me diz:
não há mais tempo para jogos.



FISSURA

no centro do rio terno
engravatado soltando o nó
os afluentes a barragem
interna estourou meu deus
uma tragédia deus

em fluxo sem fim deus e tudo
perdido junto uma água não
para ele se debatendo
em si

o homem afogado em plena
carioca gritando e dizendo
ao mundo meu deus eu
sou meu
deus sou deus santo sou
eu e todo o mundo
não sou mais
ninguém parou.



[]

As bandeiras hasteadas no topo do
morro e meia dúzia de eles
dizendo serem nós e dizendo
também somos
um aqui veja
chegamos até aqui e
agora só importamos
nós e é tudo nosso
parceiro olhe pra mim
e me veja no contra sol
também veja
essa bandeira no topo
tremulando importa-
da da China e de cabo
plástico dizendo:
Brasil

CORPO A CORPO

Com Fernando Pessoa

As vestes pesadas de Lisboa escondem uma ordem
secreta do mundo, uma mesma língua tradição
extraviada na alfândega, não chegou

e seguimos esperando
todos os santos
dias que nos reconheçam aqui
não basta ser fingidor
de pessoas, fomos mais
longe inventamos países do futuro
que também não chega

seguimos esperando
forjando novas cidadanias
fingindo que somos seus filhos
netos e bisnetos e não vira-
latas caramelos de mil pais
ausentes que um dia
voltem pra dizer
veja só vocês brasileiros
merecem as glórias
dos falsários universais
nós os reconhecemos
como pessoas.